

## Memorial à Queima de Livros, Berlim, Bebelplatz

Passeio da Memória, Casa de Anne Frank

«Sei que a queima de livros teve lugar nesta praça. Se isto é suposto representar uma biblioteca vazia, talvez haja uma ligação.»

«Em 10 de maio de 1933, à meia-noite, os estudantes alemães que aderiam às ideias de Hitler de purificar a língua e a literatura alemãs, organizaram uma queima maciça de livros na antiga Opernplatz, em Berlim. Queimaram mais de 20 000 livros. Foram assim destruídas as obras dos escritores, poetas e cientistas considerados «não alemães». Incluíam obras de Karl Marx, Sigmund Freud, Helen Keller, Bertolt Brecht e Ernest Hemingway. Um dos autores cujas obras foram engolidas pelas chamas era Heinrich Heine, que, mais de 100 anos antes, tinha escrito as seguintes linhas:

«Cada vez que queimam livros estão, no fundo, a queimar seres humanos» (Heinrich Heine, 1820).

A queima de livros em Berlim e noutras cidades da Alemanha provocou indignação nos Estados Unidos. Houve milhares de pessoas que participaram em marchas de protesto pelas ruas de Nova Iorque. A autora americana Helen Keller escreveu uma carta aberta aos estudantes alemães:

«A História não vos ensinou nada se acham que podem matar ideias [...]. Podem queimar os meus livros e os livros dos melhores cérebros da Europa, mas as ideias neles contidas já se terão infiltrado por milhões de canais e continuarão a incentivar outros cérebros.» (Helen Keller, 1933)

Em 1995, o artista israelita Micha Ullman criou um monumento para comemorar este prelúdio do Holocausto. O monumento representa uma biblioteca subterrânea com espaço suficiente para abrigar 20 000 livros. É constituído por um espaço subterrâneo cúbico que pode ser visto através de um teto de vidro. O monumento é subtil e passa facilmente despercebido, mas insta a uma reflexão sobre a História e sobre nós próprios, para evitar que a História se repita.

«Qual é a sua opinião sobre o monumento?»

– Cada época tem uma forma adequada de memorial. Isto é igualmente válido para os nossos tempos.

– Na verdade, acho que é uma forma fantástica de comemoração. Acho que a biblioteca vazia conta uma história gira. Acho que mostra um lugar perdido na História, não é?

– Penso que é realmente simbólico. Parece-me que leva mesmo as pessoas a refletirem um pouco mais do que uma coisa que seja mais evidente, percebe.

– As pessoas podem ver a biblioteca vazia, mas não sabem o significado que está por detrás. Portanto, acho que deveriam acrescentar uma descrição. »

«É um monumento a melhor forma de aprender com as experiências do passado?»

– Não acho que os jovens se sintam muito atraídos por memoriais.

– Creio que as pessoas compreendem verdadeiramente as coisas quando são evidentes, para que possam imaginar o que se passou na realidade. Por isso, acho que, na escola, devem tentar visitar locais históricos.

– Penso que os memoriais têm um lugar importante na vida, mas aqui, na Alemanha e em Berlim, temos tendência a exagerar um pouco. Acho que os memoriais servem para mostrar alguma coisa do passado, que é positiva e que precisa de ser ensinada às gerações futuras, porque existe sempre algum ensinamento a retirar. Mas se ficarmos presos ao passado, aí as coisas começam a correr mal.

– É importante que a história, seja ela boa ou má, fique documentada e recordada, quer pelo aspetos positivos, quer pelos negativos, e compreender que serve para mostrar o que não se deve fazer.

Ainda hoje em dia, os livros são queimados devido a visões do mundo religiosas ou políticas extremistas. Em 2002, por exemplo, os livros de J.K. Rowling foram queimados nos EUA, em Moscovo e no México, porque se considerou que Harry Potter era o Anticristo. Em 2006, os neonazis de Pretzien, na Alemanha, queimaram o diário de Anne Frank, que consideram ser uma mentira. Em 2011, na Florida, o Reverendo Terry Jones organizou a queima do Corão, provocando uma revolta no Afeganistão que custou a vida a oito membros do pessoal estrangeiro das Nações Unidas.

«Qual é a sua opinião sobre as recentes queimas de livros?»

– Acho que é chocante e acho que é horrível pensar que as pessoas podem fazer tal coisa. Estão tão cegos.

– Penso que é igualmente grave, independentemente dos livros que estão a ser queimados. Penso que é ridículo, para nós todos, fazer isso a qualquer raça, religião, crença, pouco importa...

– Pois, nenhum governo tem o direito de retirar às pessoas a sua religião ou maneira de pensar. Simplesmente não está certo.

– Ignorância é ignorância, sabe, não ajuda ninguém. Queimar livros é, de facto, um ato muito intenso. Podes não estar de acordo com uma coisa – ele não tinha de concordar com o Corão. Mas, de qualquer forma, não deves queimá-lo. Não é sensato.

– As pessoas aprendem com os erros. Em especial sobre o nacional-socialismo. Foi tabu durante um longo período de tempo, mas já não é o caso. Aprendemos com os erros do passado. Queimar livros na Alemanha de hoje é impensável.

«Será mesmo impensável?»

*Um agradecimento especial a Chronos Media GmbH.*

*Um filme de Lorenz Hutegger, Kathrin Pham, Tamara Messer, Sassan Esmailzadeh, Sami Yazicilaroglu.*